

ARGENTINA

É o título de um filme de Carlos Saura que está em cartaz esses dias. Escrevo esta mensagem para recomendá-lo aos amigos. Pela beleza, claro: filmes deste cineasta são sempre profundamente belos. Digo isto sem reservas, ainda que consciente de que sempre tive em mente que filmes de Wim Wenders seriam sempre interessantes, instigantes. Pois fui ver, também esta semana, Os Belos dias de Aranjuez, com esta convicção, e o filme era realmente tão instigante, mas tão instigante, que não entendi nada e acabei cansado de buscar significados, enfadado daquele diálogo chato e interminável.

Bem, mas o novo filme de Saura é música e dança, selecionada, organizada e apresentada pela competência dele, pela sensibilidade dele. E é realmente muito bonito; pretendo ver de novo.

E, principalmente, é Argentina. Bastante além da Argentina turística, já tão bela: Buenos Aires -- a Europa aqui tão pertinho ao sul; Bariloche: El Cóndor y la Nieve parecem imóveis, os lagos esplêndidos, o vinho saboroso, o chocolate inigualável no clima; e a Patagônia, seus carneiros dóceis e a delícia do churrasco, aroma e paladar; com o extremo sul no sol do verão, a alegria de Ushuaia, tão sinistra na história; o Estreito de Magalhães, marco do descobrimento do mundo, pingüins, leões marinhos, ilhas desses animais simpáticos.

É mais, porem, é muito mais: tem a Argentina verdadeiramente sulamericana, com os traços fundos do povo original; a Argentina de Mendoza, de Tucumán, de Salta, de Jujuy, de Corrientes, o norte argentino, andino e paraguaio, inca e guarani. Com seus ritmos fascinantes, de outra matriz, diversa do tango portenho. É a que mostra o filme de Saura, desconhecida por nós.

Nos anos quarenta, a Argentina era, para nós, um país desenvolvido e orgulhoso da sua riqueza e da sua cultura, Carlos Gardel era louvado no mundo inteiro; Borges era sempre cogitado para o Nobel de literatura. Os brasileiros em geral não toleravam aquela arrogância e procuravam descontar no futebol, onde havia mesmo uma igualdade, e a nossa participação na Copa de 38 na França foi um atestado a nosso favor. Havia, sim, uma rivalidade funda, uma disputa que favorecia a Argentina, na sua agricultura formidável e sua indústria avançada perante a nossa nulidade no setor. Havia uma antipatia mútua e profunda: quando eu fiz o CPOR, em 1950, a hipótese de guerra do Exército Brasileiro era com a Argentina, e a concentração de tropas no Rio Grande do Sul era a evidência maior desta hipótese.

A política externa brasileira era de aproximação cultivada com o Chile, nação vizinha da Argentina, que guardava também desconfianças em relação àquela fronteira enorme e às atitudes pretensiosas que sentia do outro lado.

Hoje, tudo isso desapareceu. E eu tenho uma sensação, uma interpretação. De que essa rivalidade antiga foi-se esvaindo com a existência, o entendimento e a identificação suscitada pelo trabalho conjunto na CEPAL. É mera opinião de político desenvolvimentista que passou pela CEPAL. E que viu, participou ativamente do grande seminário promovido por Marcos Vianna em comemoração aos 20 anos de BNDE, e ali viu, até com certo espanto, testemunhou o abraço memorável de dois velhinhos, que mal podiam andar, claudicantes, e que, ao se cruzarem no grande auditório, abriram largamente os braços, com um oh! de evidente admiração e fraternidade, e se abraçaram longa e profundamente: Raul Prebisch, o grande líder no estruturalismo cepalino e Eugênio Gudín, o professor emérito da economia ortodoxa na nossa Universidade; um abraço bem simbólico da compreensão mútua e da amizade nova entre Brasil e Argentina.

A CEPAL germinou, propiciou e cultivou a unificação do pensamento político sulamericano. Mostrou as Nações, umas às outras, seus problemas comuns e seus interesses mútuos. Mostrou que o subdesenvolvimento de todas não era uma etapa para atingir o desenvolvimento dos ricos, seguindo o caminho deles, mas era uma condição em que estavam colocados pela organização da economia mundial, como fornecedores de matérias primas e intermediárias para a indústria dos desenvolvidos. E que, seguindo o caminho deles, jamais sairiam dessa condição subalterna. Aí entrou a contribuição fundamental do grande pensador da CEPAL, que foi Celso Furtado.

E o mundo dos ricos passou a interferir, direta ou indiretamente, usando sua ciência, do interesse deles, e sua política, até golpes se necessário, para impedir a realização desta unidade cepalina.

Porém os golpes não mudaram mais o sentimento de irmandade, que filmes como este de Saura iluminam e aprofundam, pela beleza, pela música, pela dança, pelas cores, pelas expressões, pela riqueza e multiplicidade da cultura que diferencia e aproxima a argentinidade da brasilidade.